

A EPÍGRAFE LATINA COMO ELEMENTO DIDÁTICO (XXXIX) *TERNURA DE NETA PELA AVÓ FALECIDA*

THE LATIN EPIGRAPH AS A DIDACTIC ELEMENT (XXXIX)
GRAND-DAUGHTER'S LOVE TO HER GRANDMOTHER DECEASED

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

UC – CEAACP

JDE@FL.UC.PT

[HTTPS://ORCID.ORG/000-0002-9090-557X](https://orcid.org/000-0002-9090-557X)

59

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 22/03/2022

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 18/07/2022

Resumo: Prossegue-se no intuito de mostrar como a análise cuidada de uma epígrafe romana pode fornecer informações válidas do ponto de vista da vivência cultural nessa época. Se um texto escrito se destinava, então, ao público seu contemporâneo, um texto gravado visava o presente e o futuro.

Utiliza-se o exemplo de uma epígrafe quase desconhecida, guardada no Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto, para mostrar a evidência do que se pretende demonstrar. No caso, porém, deste epitáfio, há três aspectos a salientar: o importante papel da mulher, a ternura familiar e, do ponto de vista cultural, a progressiva aculturação onomástica.

Palavras-chave: aculturação onomástica, demografia, oralidade.

Abstract: The study of a Roman epigraph can give us a very real image of the Roman life. In fact, the Roman literary texts show us a daily existence presented to the people of that time; a Roman epigraph was made to the present, we know, but, specially, to the future. An example is done to explain that, even because it's a Roman epitaph to a grandmother did by her grand-daughter. The role of the woman in these Roman times is here point out.

Keywords: onomastic Roman acculturation, ancient demography, orality.

Encontra-se no Museu Nacional de Soares dos Reis, do Porto (Inventário nº 126 Lap CMP/ MNSR), o fragmento de uma estela funerária romana de granito (Fig. 1). O fragmento corresponde ao campo epigráfico.¹

60



¹ Agradeço ao Dr. António Ponte, director do Museu, assim como à Dra. Adelaide Carvalho as prontas diligências no sentido de me proporcionarem informações e uma imagem do monumento, que pertence ao Arquivo do Museu.

Conhecido desde os primeiros anos do século XX (Fortes 1905-1906, p. 290, nº 2), fora guardado no antigo Museu Municipal de Porto, cujas coleções o Museu Nacional de Soares dos Reis integrou. A epígrafe, porém, passou completamente despercebida, não constando, no momento em que redijo estas linhas (Março de 2022), dos habituais *corpora* epigráficos (HEpOL e EDCS), a cujos responsáveis a vou, naturalmente, comunicar. A sua procedência é desconhecida; contudo, atendendo a defensáveis critérios epigráficos e onomásticos, Armando Redentor (2017, II, p. 199, nº 281) sugere que o monumento deverá ter sido encontrado na Várzea do Douro, concelho de Marco de Canaveses, área que, no tempo dos Romanos, estava integrada no *conventus Bracaraugustanus*, província da *Hispania Citerior*.

Mede 68 x 49 x 19.

Descreve-a minuciosamente Armando Redentor, que dela dá esta leitura

PA·TER·NA / FA·BI · / AN(*norum*) · LXV / H(ic) · S(ita) · E(st) / ⁵
P(*ublia?*) · FL·A·VIL/LA · AVI(a)E / [...]

Naturalmente, o desgaste existente no começo da linha 5 provocou a interrogação acerca de como reconstituir o *nomen* da dedicante, que também poderá ser I(*ulia*), uma vez que só o traço vertical está visível e é mais fácil pôr em sigla um *nomen* deveras comum nos primórdios da aculturação – como o era *Iulius* – do que *Publius*. Também o patronímico – que se leu *Fabi* – poderia causar perplexidade, por haver esboroamento ao nível do B e por se tratar de um antropónimo usado como *nomen* habitualmente; não parece haver, no entanto, outra alternativa.

É bem provável que houvesse mais uma linha no final. Não destoaria algo como SVAE (ou, de preferência, SVE) · F(*aciendum*) · C(*uravit*), porque se completaria o texto, sem necessidade de subentendidos, aqui não muito justificáveis.

Poderão causar estranheza os pontos que se vêem entre as sílabas nas linhas 1, 2 e 5. Uma pontuação intersilábica, chamam-lhe os epigrafistas. Patenteia, segundo alguns entendidos, o modo de aprendizagem, assim à maneira da nossa Cartilha Maternal, de João de Deus, sílaba a sílaba... E, ao passar para a pedra, o lapicida podê-lo-á ter assinalado desta forma. Note-se que o ponto está a meio da linha, um dos índices seguros de que estamos perante um texto autêntico: o ponto não era de pontuação como a nossa, de pausa, mas sim de separação de palavras; neste caso, de sílabas.

Armando Redentor aponta como datação possível a 2ª metade do século II da nossa era. Poderá, porventura, atribuir-se-lhe uma cronologia mais precoce, os meados do século I, atendendo à paleografia (a regularidade dos caracteres, o R não fechado, o S bem simétrico) e ao modo de identificação das duas personagens.

1. A ONOMÁSTICA

Mantenhamo-nos no espírito que vem norteando esta série de testemunhos passíveis de virem a ser utilizados como exemplos concretos – sim, concretos, porque estas pessoas existiram mesmo e o epitáfio não é ficção e sobreviveu mais de dois mil anos para delas nos dar conta! – de como era usada a língua latina no dia-a-dia, para veicular algo tão simples e ao mesmo tempo tão doloroso como o epitáfio de um ente querido.

Não há aqui, porém, manifesta revelação de afecto, que só mais tarde se encontrará com a junção de superlativos como *pietissimus*, *carissimus*... Obedecerá, porventura, tal referência a um hábito sem que o sentimento aí expresso seja real, como a «eterna saudade» dos nossos dias patente numa placa que, exumadas as ossadas, se atira sem préstimo para um canto e a «eterna saudade» esvaeceu... Tinha, todavia, um outro fito, esse mais real: ao chamar-se «modelo de piedade» ao

falecido, usa-se uma expressão apotropaica, de apaziguamento e de esconjuro, que é como quem diz «Foste, em vida, esse modelo; continua a sê-lo agora e não venhas atormentar quem cá ficou!». Aliás, nesse mesmo sentido se poderá entender a fórmula, habitualmente em siglas por ser comum: *s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*, «que a terra te seja leve», voto a veicular o bom entendimento entre os vivos e os mortos.

Recordemos: o facto de estar identificada com um nome seguido do patronímico é indício de que estamos perante uma indígena. Esse modo de identificar radica no que era hábito na comunidade restrita a que a defunta pertencera, onde os laços familiares eram identificativos. Por isso se omitiu, inclusive, a menção expressa de filiação: Paterna é «de Fábio», não carece de mais explicitação. Poder-se-á pensar que se trata de algo estranho mesmo para os nossos dias. Não é. Amiúde, nas aldeias, se diz «a Maria do Alfredo» e, em Novembro, em Riachos, foi-me servido o vinho Zé da Leonor (fig. 2), forma bem local de identificar o conhecido vinicultor.



Paterna, assim como *Materna* e os seus equivalentes masculinos, são nomes facilmente adoptados pelos indígenas, dado o seu significado. Já o nome do pai – *Fabius* – usado como nome único demonstra esse dealbar da aculturação: escolheu-se um nome que porventura se ouviu entre os colonos recém-chegados, gostou-se do som e adoptou-se, mesmo sem ter conhecimento exacto da sua categoria morfológica, uma vez que *Fabius* é um gentílico, ou seja, um nome de família. Esse procedimento é vulgar na Hispânia na primeira metade do século I d. C.

A sigla da linha 5 merece igualmente reflexão. A dedicante é *Flavilla*. Etimologicamente, um nome tipicamente latino, diminutivo formado a partir do antropónimo *Flavus* (Kajanto 1982 p. 38). Acalenta-nos a hipótese de lhe ter sido dado exactamente por um *Flavus*, pertencente a uma família aqui mencionada por sigla, como se viu. E pôr-se em sigla porquê? Duas razões se podem apontar: por uma questão de espaço disponível na pedra, hipótese que se nos afigura a mais plausível; ou por ser evidente o significado, toda a gente sabia em que família estava integrada *Flavilla*. Mas já tem uma família! Ou seja, o modo de identificação da neta revela um estágio mais avançado da aculturação onomástica, o que pode sugerir para a epígrafe uma datação bem dentro do século II, de acordo com a realidade local.

Vale, todavia, a pena chamar a atenção para o facto de esse nome ter gozado de pouquíssima simpatia, digamos assim, se tivermos em conta que, em monumentos epigráficos romanos, apenas se registaram, até agora, dois testemunhos de *Flavilla*: *Iunia Flavilla*, em Roma (CIL VI 20 879), e *Licinia Flavilla*, em Nîmes (CIL XII 3175); e dois outros, de *Flavila* (só com um L), na Numídia: *Fabia Flavila* (CIL VIII 5960) e *Iulia Flavila* (EDCS 237000816, esta sem certeza total na reconstituição). Anote-se, de passagem, que *Licinia Flavilla* foi *flaminica Aug(usti)* e lhe dedicaram um busto «cujos cabelos estão elegantemente penteados» – *protome mulieris cuius capilli eleganter compti sunt*.

2. A CULTURA

Referiu-se a ausência de palavras como *pientissimus* ou *carissimus*, reveladoras de carinho. Há, todavia, um pormenor não despreciando: o espaço de que se dispõe para uma última linha leva-me a propor esta reconstituição:

PA-TERNA / FA-BI(i) · / AN(*norum*) · LXV (*quinque et sexaginta*) /
H(ic) · S(ita) · E(st) / ⁵P(*ublia?*) · FLAVIL/LA · AVIE / [SVE · F(*aciendum*)
· C(*uravit*)]

Aqui jaz Paterna de Fábio, de 65 anos. Públia (?) Flavila mandou fazer à sua avó.

Creio fazer falta, de facto, o possessivo «sua» justamente para acentuar o normal carinho da neta pela avó.

De notar, do ponto de vista da língua, o reflexo da oralidade patente na crase *Fabi* por *Fabii*, assaz frequente nos monumentos epigráficos, e a terminação -e por -ae (em *avie*), um argumento a invocar, a meu ver, para justificar ser esse o som dessas duas vogais juntas.

Segunda observação: a idade vem arredondada em lustros. Sugere-se ver aí a bem possível influência dos censos quinquenais, que tornariam mais fácil a contagem dos anos, como nós hoje estamos a ter tendência para – e não apenas em termos jocosos... – considerar as siglas a. C. a significar «antes do covid»... Uma hipótese válida, essa, para a Antiguidade, onde não haveria uma noção clara da idade, mormente em relação aos anciãos. Já houve, inclusive, a proposta de, por exemplo, os 40 anos – tamanha era a frequência da menção de falecimentos nessa idade – terem um valor simbólico, de idade madura, de pessoa que viveu a vida em plenitude (Encarnação 2000).

Terceiro pormenor a realçar: a presença feminina. É uma avó que se recorda, é uma neta que lhe presta homenagem. Mais um elo,

portanto, a mostrar como, de certo modo oficialmente afastada da vida pública, a Mulher sabia habilmente escolher estas oportunidades para marcar presença (Fernandes 1998-1999).

E eis como singela epígrafe nos pode trazer ensinamentos!

BIBLIOGRAFIA

CIL VI = *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. VI: *Inscriptiones urbis Romae Latinae*. Berlim: Academia das Ciências. [Vários autores e várias datas, consoante os fascículos].

CIL VIII = *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. VIII: *Inscriptiones Africae Latinae*. Collegit G. Wilmanns. Edidit Th. Mommsen. Berlim: Academia das Ciências: 1881.

CIL XII = *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. XII: *Inscriptiones Galliae Narbonensis Latinae*. Edidit O. Hirschfeld. Berlim: Academia das Ciências, 1888.

66

EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby: <http://www.manfredclaus.de/gb/>

Encarnação, J. d' (2000) "Morrer aos 40 anos na Lusitânia romana", in J.-G. Gorges & T. Nogales Basarrate (coord.), *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*, Mérida: Junta de Extremadura, 241-247. <http://hdl.handle.net/10316/25565>

Fernandes, L. (1998-1999) "A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus*", *Portugalia* 19-20: 129-228.

Fortes, J. (1905-1906) "*Analecta epigraphica* - Inscrições funerárias", *Portugalia* 2, fasc. 2, 289-290.

HEPOL = *Hispania Epigraphica on line*: <http://eda-bea.es/>

Kajanto, I. (1982 - reimp.) *The Latin Cognomina*, Roma.

Redentor, A. (2017) *A Cultura Epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis): Percursos pela Sociedade Brácara da Época Romana*, Coimbra: Imprensa da Universidade. 2 vols.